



Pé no chão. Aquarela de Debret mostra a ponte de Santa Ifigênia, em São Paulo, em 1827; sinhôs e sinhás saíam mais para ir à missa

MEDO DA RUA

Ela já foi via de gente escrava, de festas públicas, de visitas 'a pagar', de dândis a se exhibir. De onde o brasileiro tirou que rua é lugar de perigo?

Fraya Frehse

Pesquisa recente da Organização para Coope-
ração e Desenvolvimento Econômico sobre
o bem-estar em seus 34 países-membros, e
também na Rússia e no Brasil, traz um dado preocu-
pante para aqueles que, talvez como o leitor e de-
certo como eu, gostam de flanar a pé por ruas, ladei-
ras, praças e parques públicos de nosso país. Segun-
do a OECD, em 2014 apenas 35% da população
brasileira se sentia segura ao andar à noite na cida-
de ou na área em que vive. Somos bem menos nu-
merosos que os mais de 85% de destemidos norue-
gueses e 85% de espanhóis, e mais rarefeitos tam-
bém que os 50 a 55% de mexicanos e chilenos incor-

porados à investigação. Mais próximos de nós, só
aproximadamente 48% dos húngaros.
Como o dado integra, afora latrocínios e ataques
físicos “autorrelatados” (indicadores utilizados
pela organização para medir a “segurança pessoal”
das populações), é quase inevitável colocar em xe-
que o próprio gosto por andar pela cidade. O pra-
zer resiste ao medo? Como a vida cotidiana em
nossas maiores urbes transcorre sob o temor de
assaltos, roubos e assassinatos reais ou imaginá-
rios, o dado da OECD parece autoevidente. É tenta-
dor menear com a cabeça e suspirar em tom de
lamento: “coisas da violência no Brasil...”
Mas nada é tão simples, ensinam a sociologia, a
antropologia e a história. Que pluralidade humana

e espacial se esconde por detrás da porcentagem
brasileira, da cidade e da “área em que você vive”?
São referências decisivas num mundo urbano co-
mo o brasileiro, social, cultural e demograficamen-
te tão diversificado e desigual. E não somente no
Brasil de 2014. De acordo com a socióloga alemã
Renate Ruhn, no seu livro *Macht Raum Geschlecht*
(“Espaço-Poder-Gênero”, em tradução livre), de
2003, mulheres se sentem bem mais inseguras que
homens nos espaços públicos urbanos alemães – a
despeito do investimento sistemático que o poder
público desde os anos 1980 vem fazendo em ilumi-
nação pública, lugares exclusivos de estacionamento
e no incentivo ao uso misto de ruas, passarelas,
estações de metrô, parques, etc., para não falar de
descontos em táxis noturnos. Tudo isso na mesma
Alemanha que comparece com quase 80% de “sen-
timentos de segurança” na OECD.
Apesar da fragilidade metodológica, o dado trazi-
do pela organização instiga à reflexão sobre como
os brasileiros sentem ruas, praças, parques de aces-
so legal irrestrito. Ora, a associação entre inseguran-
ça e espaço público é concepção recente, no Brasil
urbano. Ao menos em alguns jornais paulistanos, a
imagem da rua como lugar de perigo em função da
violência só ganha vigor nos anos 1980.

De fato, até no mínimo o final da escravidão afri-
cana (1888), andar por São Paulo com regularidade
era atributo quase exclusivo de gente escrava, libera-
ta ou livre envolvida nos ócios e negócios do traba-
lho braçal que sustentava as casas senhoriais. Já
entre sinhás e sinhôs, o ritmo
era o da excepcionalidade ou
periodicidade das missas e fes-
tas públicas, das visitas “a pa-
gar” ou do teatro de ópera e, no
caso de rapazes, da botica e da
Academia de Direito. Sinôni-
mos de rua era discrição, no ca-
so das mulheres de prol; brava-
ta, no caso dos homens “de qua-
lidade”. Lugar de insegurança?
Os documentos silenciam.
São os ventos da modernida-
de oitocentista que trazem a va-
lorização da rua como lugar on-
de supostamente todos que-
riam estar. Dentre os seus por-
ta-vozes, o dândi e o flâneur da
literatura europeia. Difícil fa-
zer senhoras e senhoritas pau-
listanas de elite gostarem de an-
dar por ali, sobretudo a pé; e o
transeunte, personagem novo
na cidade, só se queixa, nos jor-
nais, do “estado” das ruas.
A luz dessas referências, a
imagem da rua perigosa evi-

dencia sua parca idade. E seu poder. Ela hoje domi-
na o nosso imaginário, não importa a classe, o cre-
do, a idade ou o gênero. Pensados por um fogo
cruzado entre cidades que se expandem demogra-
ficamente multiplicando pobreza e desigualdade e
uma mídia que difunde estatísticas insufladoras
de angústia e pavor, é tentador para os brasileiros
“de cidade” – como escreveu Gilberto Freyre – sen-
tirmos que a rua é e sempre foi lugar a ser evitado
pela insegurança. E a vivermos esse espaço assim.
Como mudar isso?, talvez pergunte o leitor que
abriga em si um flâneur. Depois de tanta história,
sociedade e cultura, nada de engrossar o coro da
segurança pública e da infraestrutura urbana. A
insegurança das mulheres nas ruas alemãs mostra
que proteção não é sinônimo de destemor. Como,
ao ser encarado, o fantasma se mostra sempre me-
nor do que imaginado, nada melhor que se lançar a
ruas e praças e, por meio da regularidade do uso,
familiarizar-se com a experiência única da convi-
vência com a diferença que só a rua, mais que qual-
quer outro espaço no Brasil, tem a nos oferecer.

FRAYA FREHSE É PROFESSORA DE SOCIOLOGIA DA USP E
AUTORA DE *Ô DA RUA! O TRANSEUNTE E O ADVENTO DA
MODERNIDADE EM SÃO PAULO* (EDUSP)

Sérgio Augusto

Temporada de eleições no continente. Nes-
te fim de semana, argentinos e guatemalte-
cos estão indo às urnas para escolher um
novo chefe de governo. Na última segunda-feira,
os canadenses confirmaram seu novo primeiro-
ministro, Justin Trudeau, a ser empossado em 4
de novembro. Na Argentina, o favorito à presi-
dência da República, o ex-vice de Néstor Kirchn-
er, Daniel Scioli, ainda terá pela frente um se-
gundo turno. O guatemalteco Jimmy Morales já
passou pelo primeiro turno, sete semanas atrás, e
deve confirmar hoje seu favoritismo sobre a ex-
primeira-dama Sandra Torres.
Considerando-se que na Argentina nada se de-
cide hoje e que o potencial vencedor do segundo
turno será o candidato situacionista, concentre-
mos nossa atenção nas reais novidades. Além de
mais jovens, Trudeau (43 anos) e Morales (46)
ganham de goleada de Scioli (58) nos quesitos
biografia e carisma.
Herdeiro mais velho de Pierre Trudeau (duas
vezes premiê do Canadá entre 1968 e 1984), o
liberal Justin derrotou o conservador Stephen
Harper, no poder havia nove anos e em incont-
rável decadência política. Um fiasco na questão
ambiental e na gestão econômica, Harper estre-
pou-se de vez ao incorporar a islamofobia ao seu
discurso eleitoral. Seu sucessor empol-
gou os canadenses, sobretudo
os mais jovens, pois, além de
bonitão e articulado, fecha
incondicionalmente com
os ambientalistas (chefiará
a delegação do país à cimei-
ra sobre o clima em Paris),
apoia o aborto, a descri-



Morales, o ator. Interpretou presidente na TV e deve se tornar um de verdade

DUAS FACES DA AMÉRICA

No Canadá, Justin Trudeau é um autêntico filho da sua mãe; na Guatemala, Jimmy Morales sai da TV para viver ele mesmo

minalização das drogas, e já comuni-
cou a Obama que trará de volta os pilo-
tos canadenses que ajudam a comba-
ter o Estado Islâmico na Síria, pois pre-
fere apoiar (e treinar) as forças rebel-
des sírias em terra.
Justin é bem o filho de sua mãe, a
bela Margaret Trudeau, a primeira pri-
meira-dama hippie da história, espécie
de Leila Diniz de Ottawa, cuja ligação
com Andy Warhol e os Rolling Stones
transformou-a em modelo de mulher
avançada, alheia a protocolos e até a
hábitos convencionais como usar cal-
cinha em público. Hoje uma senhora in-
dependente de 65 anos, com quatro li-
vros publicados, foi quem fez de Justin
um feminista declarado. Margaret ain-
da puxa um fuminho de vez em quando
e nunca se arrependeu das estripulias
que tanto imantavam as lentes dos pa-
parazzi de quatro décadas atrás.
Se eleito, o guatemalteco Jimmy Mo-
rales entrará para o *Guinness* como o
primeiro ator a chegar à presidência da Repú-
blica depois de ter exercido es-
se cargo na tela. Ronald Rea-
gan saiu da tela para a gover-
nança da Califórnia e, em se-
guida, para a Casa Branca,
mas nunca encarnara diante das
câmaras a figura de um presidente.
Há tempos, numa comédia para a
TV, Morales viveu um camp-
onês que chegava acidentalmen-
te ao mais alto cargo executivo
da Guatemala.
É sempre bem-vindo, porque raro na
Guatemala, um presidente civil, elei-
to democraticamente. O anterior,
Otto Pérez Molina, também foi esco-

20
OUTUBRO
O novo primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, comunica a Barack Obama que, mantendo sua promessa eleitoral, vai retirar o país da coalizão que luta contra o Estado Islâmico.

lhido pelas urnas, mas, além de militar (da
reserva), renunciou ao cargo no mês
passado, em meio a um escândalo
de corrupção, seguindo o exem-
plo da vice-presidente Roxana
Baldetti, renunciante em maio e
presa em agosto, após cinco me-
ses de contínuas pressões popula-
res lideradas pelos caras pintadas
(de azul e branco) locais. Molina e
seus apaniguados enriqueceram
com um esquema de fraudes fiscais
montado na alfândega do país, um
caudaloso propinoduto aduaneiro.
A Guatemala é um dos países
mais corruptos, socialmente desi-
guais e violentos do mundo. “Aqui
a corrupção não é sistêmica, ela é
o próprio sistema”, disse-me há
tempos um amigo guatemalteco,
que, no entanto, persiste em vi-
ver lá. É um dos lugares mais boni-
tos que já visitei, atraído menos
pelas maravilhas descritas por
Gore Vidal e Anaïs Nin, que dividiram
um teto na colonial Antigua, no final
dos anos 1940, do que por meu fascí-
nio pela civilização maia. Na-
da no gênero se compara
às ruínas de Tikal,
no meio da selva,
ao vulcânico lago
Atitlán, às cores
da feira de Chichi-
castenango. As oligarquias e as
grandes corporações alimentícias
americanas, de conluio com a CIA e
os milicos nativos, estragaram tudo.
Tantos e seguidos golpes milita-
res sacudiram o país a partir da der-
rubada de Jacobo Arbenz Guz-



Trudeau, o bonitão. Ganhou os jovens com apoio ao aborto e à descriminação das drogas

CARAS&BOCAS

“Não dá pra atravessar o lamaçal sem se sujar de lama”

NILSON LEITÃO, vice-líder do PSDB, justificando a tática do partido de não atacar Eduardo Cunha. 'É uma aliança para o impeachment', acrescentou

“Sentia falta do lance de trabalhar e ser respeitado como ser humano”

MC GUIMÊ, funkeiro nascido em Osasco, na Grande São Paulo, explicando o lado bom da fama

“A responsabilidade pelo Holocausto é da Alemanha”

ANGELA MERKEL, premiê alemã, rebatendo o colega israelense Bibi Netanyahu, que disse que o extermínio de judeus foi sugestão de um líder palestino a Hitler

“Se você se deixa levar pelo público, você não passa de um fantoche”

MORRISSEY, músico inglês, dizendo que existe um limite para atender aos pedidos dos fãs, que preferem que ele só cante músicas antigas